

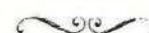
5-A
DIVIDE

Não somes simplesmente os bens da vida...
Deus reparte a bondade com grandeza.
O próprio pão que te enriquece a mesa
E' mensagem da terra dividida.

Fita a glória solar fremindo acesa,
A fonte que ao repouso te convida
E as flores que se entregam sem medida,
No coração de luz da Natureza...

Divide assim também do que te sobre.
O celeiro do bem nunca está pobre,
Inda que a singeleza nele brade.

- 82 A prece, o bolo, o caldo, o leito e a veste
São dividendos para o Lar Celeste,
No tesouro de amor da eternidade...



82. Observe-se a enumeração.

Antônio VALENTIM da Costa MAGALHÃES *



1
EXPIAÇÃO

- 1 Falava como um rei da tribuna e da praça...
"Dominar ou ferir" — era em tudo o seu lema.
Entretanto, no Espaço, em desventura extrema,
4 Tolera a multidão que o persegue e amordaça.

- Exposto à zombaria e aos golpes de quem passa,
Ele que era o senhor da palavra suprema,
7 Jungido à humilhação, por mais suplique ou gema,
Ouve as acusações de inimigos em massa...

(*) Romancista, poeta, crítico literário, polemista, teatrólogo, contista e jornalista. Bacharel pela Faculdade de Direito de S. Paulo, Valentim Magalhães advogou durante alguns anos no Rio de Janeiro, onde foi professor de Português e, depois, de Pedagogia na Escola Normal. Diretor-fundador do célebre jornal literário — *A Semana* — e membro fundador da Academia Brasileira de Letras, o suave poeta de *Rimário* exerceu poderosa influência nos meios culturais do País. Colaborou em diversos diários importantes do Rio e de S. Paulo. Segundo Péricles

Como alguém que padece, abandonado à míngua,
Sofre as chagas da ideia e os tormentos da língua,
11 Rogando ao Pai de Amor lhe amenize a derrota!...

E o Senhor, em lhe ouvindo a oração dolorida,
Permita-lhe escolher outro berço e outra vida.
Ele agradece em pranto... E renasce idiota.

2
PÊNFIGO

15 "Fogo! Fogo!..." — esbraveja o inquisidor, fremente,
Torvo olhar na expressão implacável e crua.

17 Coleia a chama enorme e, trágica, flutua
A subir e bailar qual rúbida serpente.

— "Piedade, meu Deus!..." — choram vítimas, rente
Ao fogo que lhes rompe a carne viva e nua.
Estorcem-se de horror, ante os gritos da rua,
22 E somem-se, a bradar: — "Inocente! Inocente!..."

Eugenio da Silva Ramos (Pan., III, pág. 29), foi VM um dos poetas mais representativos da poesia socialista. (Rio de Janeiro, Gb, 16 de Janeiro de 1859 — Rio de Janeiro, Gb, 17 de Maio de 1903.)

BIBLIOGRAFIA: *Cantos e Lutas*; *Rimário*; *Quadros e Contos*; *Horas Alegres*; etc.

1-4. Observe-se que os verbos no pretérito imperfeito e no presente do indicativo, respectivamente, demonstram bem a situação do verdugo de ontem e do sofredor de hoje.

7-11. Elipse: "Jungido à humilhação por mais (que) suplique ou gema" e "Rogando ao Pai de Amor (que) lhe amenize a derrota!..." — Cf. nota 3. página 135.

15. Epizeuxa.

17. Note-se o efeito deste "enjambement". Como que chegamos a ver a rúbida serpente a subir e a bailar, coleante e trágica.

22. Ricochete: "... — "Inocente! Inocente!..."

O tempo voa e abate o verdugo do povo...
24 Ordena a Grande Lei que ele nasça de novo
Para que o lume vivo o experimente e encangue;

E o terrível algoz na prova a que se aferra,
Aos singultos de dor, arrasta sobre a Terra
28 O corpo torturado em brasas cor de sangue!...

3
CULPA E RESGATE

— Senhora, compaixão! — a moça triste implora.
— Não merece perdão a mulher que se aluga!...
Acabarei contigo, infame sanguessuga!... —
Grita no espancamento a impassível senhora.

33 A vítima doente anseia, tomba e chora,
Tremendo, a soluçar, sob o pé que a subjuga...
Rompe-se um grande vaso... E o sangue rola em fuga.
A morte arranca o fim... Tudo é silêncio agora...

A ré que ninguém viu, como se nada houvera,
Continua a viver qual flor na primavera,
Mas a Lei vigilante assinala-lhe a trilha.

E antes que a dama nobre em remorsos se adentre,
A alma da moça triste acolhe-se-lhe ao ventre
E ela estende-lhe o seio, enlaçando-a por filha...

24. *Grande Lei*. Refere-se o poeta à Lei de Causa e Efeito.

28. *brasas cor de sangue*: o pêñfigo ou "fogo selvagem", como é conhecido entre nós.

33. Leia-se *do-en-te*, em três sílabas.

PARA A GLÓRIA DO CRISTO!

— “Para a glória do Cristo!” — era-lhe o emblema de ouro
 Ao clangor de clarins, alaúdes e avenas,
 Fôsse na espada em Roma e no livro em Atenas
 46 Ou a empinar o corcel no campo verde-louro.

Comandante e senhor, bramia: — “Guerra ao mouro!”
 E exterminava, em fúria, as hostes sarracenas,
 A estender sangue e pranto em cárceres e penas,
 Com que supunha erguer o Evangelho vindouro...

Um dia a morte chega... Espírito liberto,
 O impiedoso tirano ouve Jesus de perto
 Que lhe fala de amor ao peito rude e bravo...

Chora... Atende... Depois retorna à Terra e escuta:
 — “Para a glória do Cristo!” — e, entregue à nova luta,
 Investe noutro corpo a estamenha do escravo.

DUAS VIDAS

57 — “Uma esmola, senhor, que me alivie os males!...”
 E o marajá responde humilhando o mendigo:
 — “Um pária é maldição na viagem que eu sigo!
 Afasta-te, infeliz! Não me fites, nem fales!...”

Ao sonido marcial de clarins e timbales,
 A caravana parte, em busca de outro abrigo...
 E o grande hindu, lembrando um rei vaidoso e antigo,
 Fulge no palanquim por montanhas e vales!

46. Note-se a sinalefa: “Ou a em/pinar/ o/ cor/cel/ no/ cam/po/ ver/-de/lou/ro.”

57. Ler assim este verso:

— “U/ma es/mo/la,/ se/nhor,/ que/ me a/li/vi/e os/ ma/les!...”

Mas o príncipe morre... E o Tribunal Divino
 Impõe-lhe vida nova... E' um pária sem destino,
 Que traz agora a dor qual fogo atado ao lenho...

E no mesmo lugar que ele, mísero, empesta,
 Implora a um marajá que se retira em festa:
 — “Uma esmola, senhor, para as chagas que eu tenho!...”

DOCE PARALÍTICA

Preito de amor à irmã aprisionada
 no leito há trinta anos...

Revejo-te a brilhar no fausto de outras eras...
 No trono de cetim, sob o dossel de opalas,
 Gravas horrendas leis, e o povo, ao proclaimá-las,
 Deita pranto e suor nas provações severas...

Ninfa adulada e loura, em róseas primaveras,
 Fragrâncias orientais suavíssimas tresscalas,
 E contraste, irrigão! quando surges e falas,
 Epopeias de dor em fúria transverberas...

Depois de longo tempo, augusta soberana,
 Encontrei-te a chorar... Tristonha ruína humana,
 Enferma e sem ninguém que te incense ou idolatre!

Mas reencarnada, assim, desditosa e esquecida,
 Lavaste o coração, purificaste a vida
 E fulges qual estrela entre as sombras do catre!

